



Saudades do Brasil*

Missing Brazil

Sergio Adorno  

sadorno@usp.br

Universidade de São Paulo - USP

 10.52521/21-8420

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 14/06/2022

Aprovação do trabalho: 15/08/2022

Publicação do trabalho: 10/07/2023

Resumo

Este breve ensaio foi originalmente escrito como homenagem a Marlyse Meyer (1924-2009), docente da USP e da UNICAMP, por ocasião da outorga do título de Professora Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Procurou-se traçar sua trajetória como pesquisadora nos domínios da literatura francesa e brasileira, focalizando suas originais contribuições para os estudos sobre cultura popular enfeixados no que se poderia nomear “caminhos do imaginário no Brasil”.

Palavras-chave

França e Brasil. Literatura. Cultura Popular. Cultura de Massa.

Abstract

This brief essay was originally written as a tribute to Marlyse Meyer (1924-2009), professor at USP and UNICAMP, on the occasion of the granting of the title of Professor Emeritus of the Faculty of Philosophy, Languages and Human Sciences. An attempt was made to trace her trajectory as a researcher in the fields of French and Brazilian literature, focusing on her original contributions to studies on popular culture bundled in what could be called “pathways of the imaginary in Brazil”.¹

Keywords

France and Brazil. Literature. Popular Culture. Mass Culture.

¹ Tradução do português para o inglês com apoio em <https://translate.google.com/> com revisão do autor.

* O título faz referência a um dos temas caros à obra de Marlyse Meyer. Nos diferentes objetos a que se debruçou, conforme se verá neste artigo, é recorrente o tema da “redescoberta do Brasil”. É como se, para reafirmar sua identidade como nação, o país devesse recorrer inevitavelmente às suas origens que são periodicamente reinventadas. Esse retorno traduz uma espécie de nostalgia de um tempo perdido, porém glorioso. Daí, sob a perspectiva do tempo presente, somente nos resta “Saudades do Brasil”.

Introdução

O texto que se segue foi escrito, sob a forma de homenagem e saudação, por ocasião da concessão do título de Professora Emérita à Professora Doutora Marlyse Meyer da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em sessão da Congregação, no Salão Nobre, dia 16 de abril de 2009. Por razões imprevisíveis, o texto jamais tinha sido publicado.

Marlyse Meyer foi professora, pesquisadora, ensaísta e crítica literária. Nascida no Brasil, filha de pais franceses, em 07 de agosto de 1924. Graduiu-se em Letras pela USP, em 1946 e doutorou-se em literatura francesa, também na USP, em 1961. Em seguida, transferiu-se para a Europa tendo se fixado em Paris. Lecionou cultura e literatura brasileiras em prestigiadas Faculdades e Universidades, como a Faculdade de Letras de Veneza (1955-56), na Universidade de Nanterre (Paris X) e o Instituto de Estudos Luso-Brasileiros da Sorbonne (1960-1974). Foi *Chargée de Recherche no Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS, 1967 a 1971).

Ao retornar ao Brasil, retomou suas funções de Professora Auxiliar na USP (1955-1970) e posteriormente na UNICAMP onde foi Professora Titular. Foi também Diretora do Centro de Estudos da Fundação Memorial da América Latina (1999-2001). Foi também tradutora, tendo traduzido para o francês *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Sua obra cobre um vasto campo de erudição nos domínios da literatura francesa e brasileira e, em especial, da cultura brasileira e cultura de massa com foco em almanaques e folhetins. Foi vencedora do Prêmio Jabuti de 1997. Tinha declarada paixão por bibliotecas, arquivos e fontes documentais históricas, além do livro como uma espécie de totem a ser venerado, o que certamente era sedimentado por sua formação também em biblioteconomia. Faleceu em 19 de julho de 2010.

Eu a conheci enquanto estudante de pós-graduação em Sociologia na USP (1978-1984). Ao estudar a vocação literária dos estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco em São Paulo (1827-1883), posteriormente publicado em livro sob o título *Os Aprendizes do Poder*, tomei contato com seus trabalhos e me encantei com sua originalidade, erudição, fluência na escrita e suas enormes pistas para investigação. Tive a oportunidade de ter sido apresentado a ela, por intermédio da saudosa colega Maria Célia Paoli, professora do Departamento de Sociologia da USP. Foi admiração à primeira vista. Tornamo-nos amigos. Ela me ouvia muito e eu aprendi a sagrada beleza das letras e da cultura popular. Compartilhamos almoços e jantares, visitas a museus, exposições, óperas e espetáculos de cultura popular. Quando calhava de coincidir nossa permanência na França, Marlyse me introduzia, no caminhar das ruas, na Paris do século XVII, do século XVIII e do século XIX. Devo a ela visita monitorada pelas galerias de Paris. Como

esquecer esses momentos?

Meu relato-homenagem começa com uma história. Pessoal, por certo. Porém, ex-alunos de Marlyse Meyer, seus diletos amigos e muitos admiradores, que com ela conviveram, encontrarão ressonâncias em suas experiências subjetivas.

Certo sábado, em torno das 11 horas, recebi um telefonema de Marlyse, convidando-me para almoçar em sua casa. Confirmei e para lá me dirigi à hora convencionada. Quando cheguei, notei Marlyse um pouco *buleversada*. Perguntei-lhe o que se passava. Ela lembrou-me que estava trabalhando na revisão dos originais da tradução de *As Surpresas do Amor*, sua tese de doutorado sobre o teatro de Marivaux em literatura francesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1961, sob a orientação de Alfred Bonzon, que viria ser publicada pela Edusp, em janeiro de 1993. Ela suspeitava que havia cometido um engano, ao mencionar uma das peças de teatro de Marivaux. Impunha-se, na edição, corrigir o suspeitado engano, embora ela não soubesse muito bem por onde recomeçar seu percurso. Na minha imatura ingenuidade – e por que não, desconhecimento – lhe perguntei: mas não há uma obra de referência sobre o teatro de Marivaux que possamos – sim, possamos, pois, eu já estava completamente imerso nesta história – cotejar com seu texto? Ela respondeu-me: há sim, é claro, le *Théâtre Complet*, publicado na coleção Pléiade, da Editora Gallimard. Fomos à sua biblioteca, recolhemos o volume e consultamos o índice remissivo que nos apontou a exata página que poderia dirimir o suspeitado equívoco. Nesta página, o editor remetia a uma nota de rodapé, nos seguintes termos: “A respeito deste assunto, consulte a tese de Doutorado de MM. Marlyse Meyer, *La convention dans le théâtre d’amour de Marivaux*, São Paulo, Universidade de São Paulo, (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), *Boletim* no. 238, Cadeira de Língua e Literatura Francesa no. 4, 1961”). Não é preciso dizer que o sentimento de alívio foi acompanhado de gargalhadas como se, naquele episódio, estivessemos representando uma das comédias que compareciam à tese como objeto de estudo.

Imaginação e realidade; realidade e imaginário. Eis os territórios pelos quais transitaram a pesquisa e a obra de Marlyse Meyer. É tarefa difícil recensar seu percurso intelectual. Reconstruir perfis intelectuais demanda, a par de conhecimentos específicos, muitos dos quais nutridos em convivência pessoal com biografados, a descoberta de um fio condutor que permita alinhar cronologias e temporalidades históricas, sejam as de investigação, as de interesse por temas ou questões, ou ainda as de oportunidades de produção e edição de textos seguidas de suas publicações. Grosso modo, o trabalho do intérprete, pouco importa se crítico da cultura ou cientista social, é perfilar o fio até suas últimas consequências, o sentido descortinado do conjunto de uma obra. Esse fio supõe, portanto, uma espécie de convergência e adequação entre o ato de investigação,

a escritura e sua conseqüente publicação. Em Marlyse Meyer, essa sorte de metodologia não parece resultar em êxito. A ordem de investigação não coincide necessariamente com a ordem da escrita, tampouco com a ordem das publicações, inicialmente veiculadas através de boletins, artigos em periódicos especializados, capítulos em coletâneas para, finalmente, tudo se consolidar em substanciosos livros. Fiel aos “objetos” a que se debruçou, sua extensa atividade de pesquisa se revela autêntica nos fragmentos, na dispersão, na descontinuidade, nos olhares através de labirintos e contracantos, na pluralidade das fontes originais de investigação a respeito das raízes de nossa cultura e de nossas tradições literárias.

Ao conceder-lhe o título de Professora Emérita, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP se reencontra com sua própria identidade e com o espírito que viu nascer a Universidade de São Paulo, representado pela Missão Francesa da qual é descendente. Sua obra alcança distintas disciplinas e campos temáticos. Sua audiência espalha-se entre os mais distintos produtores da cultura e da ciência, sejam literatos, críticos de arte, antropólogos, sociólogos, historiadores, estudiosos da cultura, memorialistas. Sua contribuição mais destacada foi chamar a atenção para as formas menos cultas de produção cultural. Não por acaso, propôs jocosamente a criação do *Instituto de Altos e Baixos Estudos do Imaginário*. Enveredando pelos caminhos do imaginário popular que migrou da Europa ao Brasil, deambulando pelas histórias rocambolescas de escusos heróis à procura de Sinclair das Ilhas, não sem antes ancorar em Carlos Magno e suas batalhas e visitar festas populares, Marlyse Meyer chega ao Folhetim, uma história, sua história, uma referência bibliográfica fundamental.

O teatro de Marivaux foi, sem dúvida, um ponto de partida. O objeto de seu estudo residiu nos procedimentos convencionais empregados por Marivaux para a construção de seu universo dramático. Marlyse demonstra, com a ousadia de jovem doutora e a sensibilidade ímpar para auscultar alcovas, que as orientações da dramaturgia clássica longe de aprisionar sentimentos e reduzir personagens e cenários a simples cópias da realidade, nunca impediram, antes até favoreceram, intercâmbios entre a experiência vivida e a simbolizada, entre verossimilhanças e representações.

Na apresentação de *As Surpresas do Amor*, Marlyse qualificava seu livro de novo e velho. Relata suas hesitações pessoais em publicá-lo. Reconhece as limitações de um texto que jamais havia sido precedido de uma *dissertation française*, não se lastreava em *plans e plans-nourris*, não se prendia aos rigores cartesianos que seu orientador calvinista lhe cobrava e não se atinha a questões teóricas que ainda hoje excitam mentalidades acadêmicas – ou academicistas – como a definição do que é arte ou literatura. Ao rever seu texto, procurou subtrair-lhe o que lhe parecia redundante e, em contrapartida, por em destaque o que afigurava as qualidades do teatro de Marivaux. Marlyse explica pou-

co, nesta apresentação, por que o livro é novo. Não era simplesmente porque se tratava de uma nova edição de um texto originalmente publicado em Boletim da Faculdade, há três décadas. Mas, era porque a tese, desde sua original concepção, já bisbilhotava, entre convenções estéticas, os caminhos do imaginário social e coletivo que as aventuras amorosas, jocosamente encenadas pelo escritor francês, deixavam entrever. Estava aberta a temporada a uma outra aventura, senão amorosa ao menos apaixonante: a de perfilar a migração do imaginário coletivo da Europa e da África ao Brasil, por distintos caminhos: romance-folhetim, literatura de cordel, narrativas de feitiços e feiticeiras, festas populares como bumba-meu-boi, congos e congadas, carnavais, canções e poemas.

Pirineus, Caiçaras... Da Commedia dell'arte ao bumba-meu-boi, originalmente publicado pelo Conselho Estadual de Cultura de S. Paulo, em 1967 e revisto, ampliado e reeditado pela Editora da UNICAMP, em 1991, inaugura sua inquietação com as descobertas do Brasil (ou Brasis, como mais tarde sua obra o demonstrará). Após prolongada estadia na França, interrompida periodicamente por breves retornos durante férias, o livro traduz o reencontro de Marlyse Meyer com sua pátria amada e com uma língua que lhe parecia perdida. Reúne ensaios, brotados dos cursos ministrados na Sorbonne e publicados, inicialmente, no *Suplemento Literário do Estado de S. Paulo*.

Talvez, este seja o livro indispensável para quem pretenda uma ... “introdução à obra de Marlyse Meyer”. Explorando os conhecimentos que havia adquirido a respeito da influência da *commedia dell'arte* nas comédias de Marivaux, Marlyse aproveita sua estadia em Veneza para aprofundar seus conhecimentos sobre Goldoni e, ao mesmo tempo, assistir representações teatrais de rua. Como ela mesma se explica, foi sua primeira tentativa de descrever em papel o que vira ao vivo, percepção aguçada, não menos, pelos seus, à época, recentes conhecimentos adquiridos a propósito do teatro renascentista italiano. Experiência vivida e imaginário, uma vez mais entrelaçados. Temporalidades históricas, distantes no tempo e no espaço, todavia embaralhadas e reaproximadas em sobressaltos que vão do renascimento italiano aos folguedos populares do norte e nordeste brasileiros, e que se abre para outros episódios da cultura literária brasileira como o soneto de Gregório de Matos, sua homenagem ao aniversário de *Iracema*, o burlesco e cômico do teatro de Martins Pena, a par de instigante ensaio sobre o teatro japonês (o Kabuki).

Nesse entremeio, estava em gestação estudo que marcaria em definitivo a trajetória de Marlyse Meyer. Preocupada com as origens europeias do romance brasileiro, ela se mostra intrigada com a presença de um título que percorre o imaginário de literatos brasileiros, de José de Alencar a Machado de Assis, alcançando até mesmo o personagem Riobaldo de Guimarães Rosa. *O que é ou quem foi Sinclair das Ilhas?* resultou de longa pesquisa em fontes e arquivos na França, na Grã-Bretanha, inclusive Escócia, em

Portugal e no Brasil. O que mais atrai o leitor de *Sinclair*? Difícil dizer, a começar pela própria indagação que nos é introduzida como um enigma a ser perseguido e decifrado. Enigma porque se refere a um produto, digamos, de literatura de segunda mão, que transitou por entre fronteiras reais e imaginárias e que seduziu tanto as mentalidades cultas do século XIX europeu e brasileiro, quanto as mocinhas casadouras e os candidatos a herói, como o próprio Riobaldo. Um produto transversal, capaz de fermentar uma sorte de consenso entre as classes sociais, da elite soberba às massas ignaras.

A leitura de Sinclair é surpreendente. Marlyse antecipa em anos o que mais tarde o historiador Carlo Ginzburg nomearia pesquisa histórica de indícios. Pois, ela vai atrás de evidências, recolhidas, como a grãos finíssimos, nas nervuras da memória impressa em catálogos de bibliotecas, em testemunhos e relatos de época, em referências bibliográficas de primeira e segunda mãos, em visitas e passeios ao léu por livreiros e livrarias, em sugestões e pistas de leitura obtidas nessas conversas informais de salão – não raro sua própria sala de visita convertida em *salon* à moda do século XIX – ao que vem se associar uma não menos destacada vocação para imaginar, esta qualidade negada pelo espírito cientificista positivista, porém ressaltada pela grande tradição humanista do pensamento clássico como fonte de inspiração e de copiosas descobertas culturais, inclusive científicas.

Imaginar e inventar, eis uma das regras metodológicas de Marlyse Meyer. Mas, não é a imaginação que corre solta nas mentalidades comuns. Fosse assim, não haveria que distinguir o que fazemos nós, simples mortais, do que fazem grandes homens e mulheres em seu afã de perseguir a verdade, seja lá o que isto possa de fato significar. Em Marlyse, imaginar os percursos do desejo coletivo requer, antes de tudo, sabedoria acumulada em horas e horas de metódicas anotações em cadernos de campo – seus *blue books* (não tão azuis, mas frequentemente areia e cor-de-rosa como pude testemunhar). Um labor exercitado com sua habilidade em transitar por mundos culturais aparentemente disformes e distintos e por sua capacidade de articular o que à primeira vista pudesse parecer desconexo e diferenciado na geografia de territórios nacionais e das distinções de classe.

Mais surpreendente é, todavia, o tom da escritura que persegue este e os estudos que lhe seguiram. Marcado pela descrição minudente, obsessivas vezes até, do percurso de suas investigações, a escritura é folhetim do mais puro quilate com suas rocambolescas histórias em busca de elos perdidos em arquivos empoleirados e em visitas a livreiros, livrarias e lojas de fabulações de *faits divers*. Sinclair é desses estudos que se lê de uma única golfada. Não dá para parar. É preciso saber afinal quem é esse tal Sinclair ou Senclair, e, mais do que isto, quem o criou. Como chegou ao Brasil? Quem o trouxe? Tal como no folhetim, as tramas vão sendo enunciadas a cada capítulo – isto é, a cada

parágrafo do texto – de sorte que, aos poucos, o leitor vai se dando conta do inusitado: o catálogo brasileiro que, pela primeira vez, anotou a presença do título entre nós era mais completo do que o português; o autor não é homem, mas uma mulher; não é francesa – como tudo levava a crer dada a forte influência da França, com seus modismos e hábitos literários entre nós – contudo, inglesa. Finalmente, chegamos a conhecer a “assassina”, Miss Elizabeth Helme.

Certamente, em torno de Sinclair ampliaram-se os horizontes de pesquisa e de investigação a respeito das raízes remotas da cultura popular e, por extensão, da formação de nossas elites culturais e políticas. Marlyse inverte o caminho tradicional trilhado pelas primeiras gerações de cientistas sociais e críticos da cultura. Ao invés de procurar descrever como a ideologia e cultura dos poderosos se disseminaram pelos dominados – isto é, as classes trabalhadoras em suas mais distintas figurações – ela perfila o caminho contrário, das margens para o centro, das franjas para o cume das hierarquias sociais, como à mesma época teorizado por Foucault em seu magistral *Vigiar e Punir*, não sem motivos frequentemente referido nos ensaios de Marlyse. Não é verdade, portanto, que a obra desta pesquisadora seja destituída de fundamentos teóricos, como muitas vezes a surpreendi refletindo sobre si mesma. Reparos de alguns leitores a inquietavam quanto a esta ausência ou, ao menos, a falta de explicitação de seus pressupostos teóricos. Pois eles estavam todos lá, entranhados na escritura, não desprendidos de seus textos como se fossem camadas superficiais, espécie de introdução descolada do relato de seus estudos. Hoje, pode parecer pouco esse saber já conquistado e domesticado. Mas, nos anos sessenta e setenta do século passado, proclamá-lo era verdadeira heresia em um terreno acadêmico cioso de seus hábitos e convenções enraizados na chamada *Grande Teoria*.

Por isso, foram ganhando espaço suas imersões literárias por cheganças populares em que anota a forte presença de *Carlos Magno e dos Dozes Pares de França*, os embates entre cristãos e mouros em um Brasil sempre a ser descoberto no cordel e nos bailados cênicos populares. Do mesmo modo, a transversalidade do tempo e dos tempos inscrita em *Maria Padilha e toda sua quadrilha*. Ao perseguir as trilhas de um mito encravado no mais recôndito do inconsciente coletivo, Marlyse Meyer talvez não tenha se dado conta como enfrentou, a seu modo e com a descoberta de evidências insuspeitadas, espinhosos problemas teóricos a propósito da importação e migração de culturas através de tempos históricos irreduzíveis, como os são os tempos da Colônia e da República. Deu-se conta, isto sim, de como esses processos de importação ensejam retraduições coletivas em narrativas nas quais velho e novo se miscigenam em um mesmo espaço – o da cultura popular – e em mesmo tempo, o da história presente.

Aliás, é a história do presente o foco central de *Redescobrimo o Brasil: a festa*

na política, em coautoria com Maria Lúcia Montes. Duas mentes brilhantes à busca de um esclarecimento, qual seja: os sentidos e as lições que a lenta agonia do presidente Tancredo Neves, desde seu leito de morte ao cotejo fúnebre, encena enquanto festa cívica, na qual se fundem cultura e poder, cultura e política, fusão capaz de redimir o país de seu pecado original, daí a necessidade de reinventar-se ininterruptamente. O relato minudente de todos os acontecimentos, crônica passo a passo de tudo o que se fez, se disse e se interpretou reinventa justamente o espaço da política, através do qual “o indivíduo anônimo pode ser transformado em pessoa, diante da comunidade de seus pares, mas é só como indivíduo, na impessoalidade da lei, que ele será reconhecido como um ‘igual’ diante de toda a sociedade e frente ao Estado”.¹ A festa cívica reconcilia indivíduo e pessoa, permitindo o trânsito do singular ao universal, do subjetivo ao objetivo e vice-versa.

Frequentemente, também, testemunhei Marlyse inquirindo a respeito do lugar de sua obra nos campos disciplinares consagrados. O que faço? Crítica cultural, história literária, antropologia do imaginário coletivo, sociologia do consenso? Eu diria, é tudo isso, sem os cânones e os constrangimentos das filiações disciplinares. Certamente, há muito de crítica literária em suas avaliações estéticas das literaturas sobre as quais se debruçou. Seus ensaios reunidos em *Caminhos do Imaginário no Brasil* (1993) e *As mil Faces de um Herói Canalha* (1998) rendem homenagens irrefutáveis à sua formação acadêmica nos estudos da língua e da literatura. Não há também como negar-lhe o veio de historiadora da cultura que se sobressai em todos os seus textos. Narrar a história dos acontecimentos e produtos culturais, a partir fragmentos arqueológicos deixados à memória coletiva sob diferentes pontos de vista – não é, por excelência, o ofício de historiadora?

Igualmente, não sem motivos sua obra conquistou a simpatia dos antropólogos.

Seus textos são um verdadeiro laboratório de produção cultural “in natura”. Que o digam *Maria Padilha e sua quadrilha* e que o demonstre *Folhetim, uma história*. A cultura é lugar de criação e de educação dos sentimentos e das emoções, por isso fabricação de valores e símbolos que atribuem sentido a existências que, não raro, parecem destituídas de seu próprio sentido de vida. O romance-folhetim é esse grande laboratório de educação sentimental, por vezes moral, em que natureza – a das paixões humanas – e cultura, a dos mundos de simbolização, se intercambiam mútua e permanentemente, atualizando comportamentos e justificando modos de ser e estar.

E quanto à sociologia? Ela está de plantão, como um *plan-arrière* por toda a obra. Nos capítulos em que descreve, no *Folhetim* (seu verdadeiro *tour de force*), as três etapas dessa modalidade de romance em território europeu que é *Folhetim*, Marlyse

1 Meyer, Marlyse e Montes, Maria Lúcia. *Redescobrimo o Brasil: a festa na política*. São Paulo: T.A. Queiroz editor, 1985, p. 11.

apresenta longas páginas estabelecendo conexões entre mudanças sociais e produção cultural. Mudanças operadas no mercado de jornais e livros, nos efeitos da industrialização e urbanização nos hábitos de consumo entre as classes sociais, na emergência de novas classes saídas do operariado fabril, nas conjunturas ora repressivas ora liberalizantes pelos quais passou a história política francesa parecem enredar a produção cultural. Não se trata de determinismo social sobre a cultura, todavia pontos de contato e de intercâmbio no modo como homens e mulheres se classificam e se hierarquizam no interior de estruturas sociais e como simbolizam esteticamente suas diferenças e desigualdades, proximidades e distâncias. Mais do que isto, trata-se de explorar como reis e suas amantes, aristocratas e plebeus realizam consensos, provisórios e instáveis é certo, em meio às suas lutas, conflitos e oposições. O que é isto, senão o clássico problema da legitimidade social, proposto desde os clássicos da sociologia e cuja resposta, até hoje, se digladiam os sociólogos contemporâneos?

Marlyse Meyer nos ensinou muito. Aprendemos com prazer, no velho modo do aprendizado, lendo, debatendo, estudando, pesquisando, escrevendo. Seus discípulos são testemunhas. Ela e sua obra simbolizam esse reinventar permanente de nossa Faculdade, em meio a suas crises e conflitos. Afinal, eles fazem parte de nossas rocambolescas histórias. Ao conferir-lhe o título de Professora Emérita, esta Congregação reconhece o quanto nos reconhecemos e nos identificamos com tudo o que dignifica sua inteligência e as chamas acesas que a releitura, sempre renovada, de suas obras despertam em nossos espíritos.

Referências

- ADORNO, S. **Os aprendizes do poder**. São Paulo: EDUSP, 2019, 2ed.
- FERREIRA, J. P; ARÊAS, V. (Orgs). **Marlyse Meyer nos caminhos do imaginário**. São Paulo, Edusp, 2009.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Vozes, 1977.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- HOLANDA, S. BUARQUE de. **Racines du Brésil**. Paris: Gallimard, 1998. Tradução do português por Marlyse Meyer.
- MEYER, M. Quem é ou Quem foi Sinclair das Ilhas? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, (14), 1973, p. 37-63. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i14p37-63>
- MEYER, M. **Autores de cordel**. Literatura comentada. São Paulo, Abril Educação, 1980.
- MEYER, M.; MONTES, M. L. **Redescobrimo o Brasil**. A festa na política. São Paulo, TAQ, 1985.
- MEYER, M. **As surpresas do amor**. São Paulo, Edusp, 1992.
- MEYER, M. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo, Edusp, 1993.

MEYER, M. **Maria Padilha e toda sua quadrilha**. São Paulo, Duas Cidades, 1993.

MEYER, M. Folhetim. **Uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEYER, M. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

MEYER, M. (Org). **Do Almanak aos almanaques**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

MEYER, M. **Pirineus, caiçaras**. Da commedia dellarte ao bumba-meu-Boi. Campinas, UNICAMP, 2006.

Sobre o autor

Sergio Adorno - Professor Titular, Departamento de Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo. Diretor da FFLCH/USP (2012-2016). Coordenador do Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão da FAPESP para o Estudo da Violência (NEV-CEPID-FAPESP/USP) e editor da Revista Estudos Avançados (USP) <http://orcid.org/0000-0002-5358-1289> **sadorno@usp.br**